



Ressurreição, 3º módulo — performance no
Palácio das Artes, 1973



‘FIZ DO MEU CORPO A MINHA PRÓPRIA ARTE’

Entrevista - Teresinha Soares

MARÍLIA ANDRÉS RIBEIRO

Professora, doutora, curadora e historiadora da arte. Diretora e coordenadora de projetos na C/Arte Projetos Culturais.

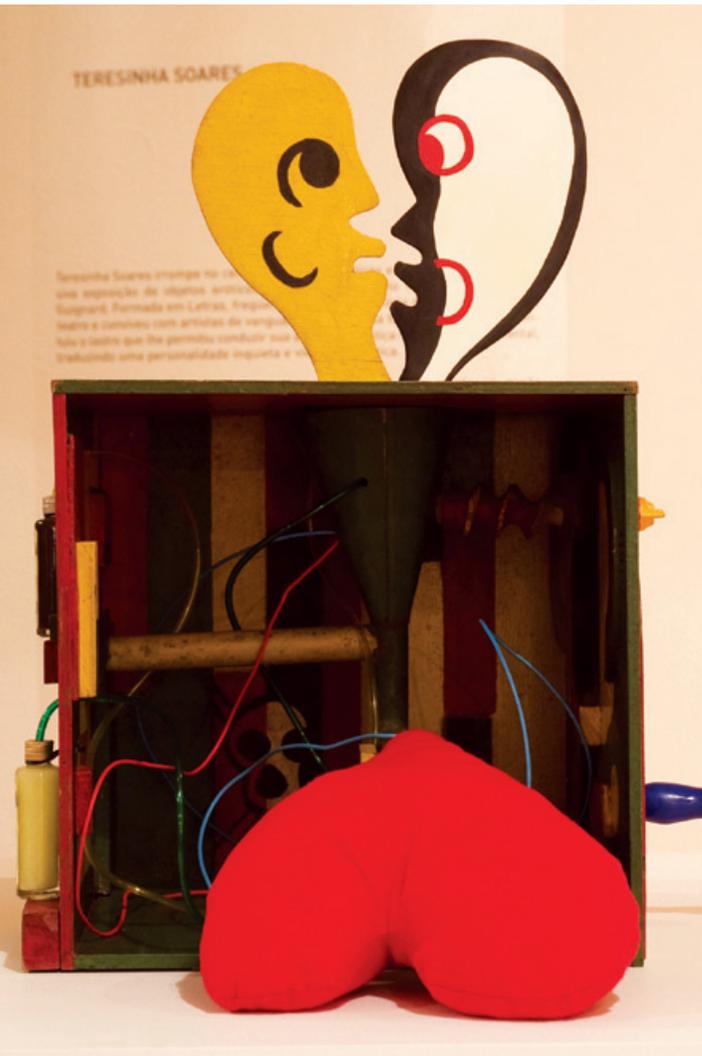
TERESINHA SOARES é uma artista mineira que teve atuação exemplar, durante os anos 1960/70, no cenário da arte contemporânea brasileira. Foi vereadora em Araxá na década de 1950, mudando-se posteriormente para Belo Horizonte, onde casou-se, teve cinco filhos e manteve ativa participação na vida cultural e artística da cidade. Publicou a peça “Luno e Lunika no país do futuro”, encenada com sucesso nas principais capitais do país – além de Belo Horizonte, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Defendendo a bandeira libertária em prol dos direitos e desejos das mulheres, apresentou objetos, instalações, *happenings* e performances, em sintonia com as propostas das novas vanguardas artísticas internacionais da segunda metade do século XX. O corpo surge como eixo transversal de suas propostas artísticas, que se desdobram do corpo feminino ao corpo da terra, enfocando tanto a discussão da sexualidade, do desejo, do papel social da mulher como da paisagem, do meio ambiente e da ecologia. Nesta entrevista, procuramos conversar com Teresinha Soares, indagando seu pensamento, sua atuação e as obras que realizou naquele momento de emergência da contracultura e de questionamento das normas sociais vigentes.

*A entrevista com Teresinha Soares, apresentada nas páginas seguintes, foi realizada em Belo Horizonte, no dia 21 de dezembro de 2011.

MARÍLIA (M) Teresinha, estamos lhe convidando para participar da revista da UFMG, cujo tema é o corpo. Gostaríamos que você falasse o que você pensa sobre o corpo.

TERESINHA (T) Reinventei-me na descoberta de meu próprio corpo como uma nova mulher e, em todos os meus trabalhos de arte, nos desenhos, gravuras, performances, o *leitmotiv* é o corpo. Meus trabalhos, considerados de vanguarda para aquela época, nos anos 1960/70, continuam atuais porque focam todas essas problemáticas que ainda vivenciamos no nosso dia a dia: os tabus do sexo, o relacionamento homem-mulher, os encontros e desencontros, a mulher na sociedade exigindo respeito, lutando pelos seus direitos e liberdade.

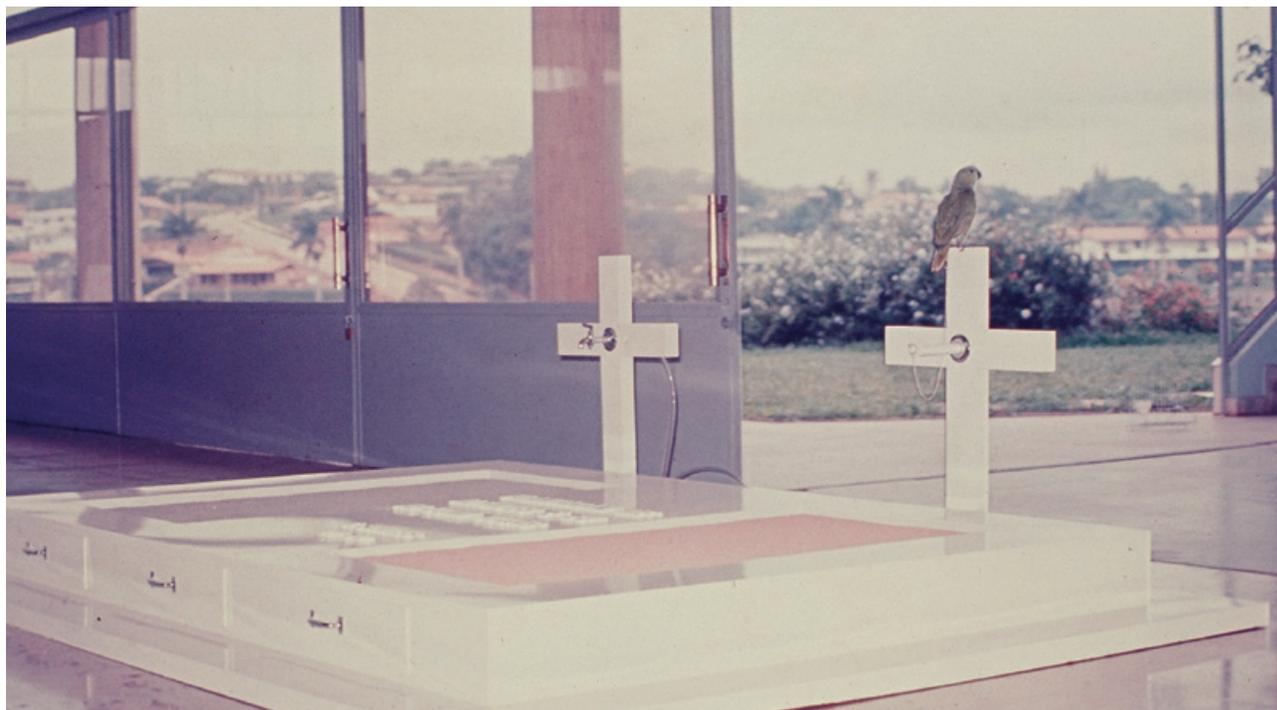
BIANCA AUN



Caixa de Fazer Amor, obra de 1967

M Qual a relação do corpo com o seu trabalho artístico?

T Como já disse, o corpo está presente em todos os meus trabalhos, a começar pela *Caixa de fazer Amor*, minha primeira obra exibida no Rio, em 1967, no 1º Concurso Box-Form, na Petite Galerie. *Corpo a Corpo in Cor-pus Meus* é um dos meus trabalhos mais significativos porque engloba na performance: escultura, ciência (texto de Jota d'Angelo), literatura (minha poesia sobre meu corpo), dança, som e *lumièrre* (gotas de óleo na água, em vidro iluminado, imitando células em movimento sobre a escultura); enfim, é uma obra multimídia. O próprio nome do trabalho diz tudo sobre o corpo. Cor-pus: Cor, Beleza, Saúde, Vida. Pus: Declínio, Doença, Velhice, Morte. E nessa dicotomia, Eros *versus* Tanatus. *Corpo a Corpo* foi exibido em Belo Horizonte, em 1970, no II Salão Nacional e no Salão da Reitoria da UFMG. Em 1971, na minha individual na Petite Galerie, no Rio, e na XI Bienal de São Paulo. Na minha exposição na Reitoria, durante a segunda apresentação da obra, enriqueci-a com som e *lumièrre*. Essa escultura, de 24 metros quadrados, posta no chão, em módulos de várias alturas, toda branca, exibia seios e falos. Ainda sobre ela, três dançarinos de preto, um homem e duas mulheres, simulavam encontros e desencontros nas suas expressões corporais, em câmera lenta. No Rio levei o trabalho (parte dele) para a rua. No calçadão de Ipanema, em pleno domingo de sol, uma passarela com minhas fotos em tamanho jornal, fazia propaganda da minha exposição no dia seguinte, na Petite Galerie. E na noite do vernissage, na porta da galeria, no passeio, uma outra passarela com as mesmas fotos obrigava as pessoas a pisarem em mim. Corpo pisado, sofrido, maltratado. Essa performance foi rerepresentada no Museu de Arte da Pampulha (MAP) de Belo Horizonte, em 2007, na exposição *Neovanguardas*, e o trabalho foi doado ao Museu.



Túmulos (Vida, 1º módulo) de 1972, obra exposta no Museu de Arte da Pampulha

M Você usou também o seu próprio corpo como obra de arte?

T Sim, por duas vezes fiz do meu corpo a minha própria obra de arte.

Na trilogia *Túmulos*, no 2º módulo, referente à *Morte*, em 1973, no Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio. Deitei-me no chão, coberta com minhas poesias em papel de jornal. Lembrança guardada de quando morava no Rio e era frequente ver deitados, nos passeios, defuntos cobertos de jornais e uma vela acesa ao lado.

No terceiro módulo, *Ressurreição*, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, onde expuseram os artistas escolhidos para a pré-Bienal de São Paulo. Postei-me em frente a uma parede espelhada na sala principal da exposição, vestida de Anjo Negro, de asas brancas, com coroa angelical, pintura no rosto lembrando um *clown* moderno e trazendo

do em uma das mãos um grande queijo de Minas, tal como a Estátua da Liberdade. Era uma crítica a aqueles tempos.

M Seus trabalhos foram denominados *happenings*, mas foram verdadeiras performances, em que você expõe o seu corpo como obra de arte. Em sua opinião, quais os outros trabalhos importantes que você realizou nos anos 1960/70?

T O trabalho das bandejas, cujo título era *Um-Dois Feijão com Arroz, Três-Quatro Farinha no Prato, Cinco-Seis Sal, Sol Areia*. Referia-me ao trabalho das mulheres em casa, aos alimentos do nosso dia a dia: arroz, feijão, café, fubá, milho, canjica, amendoim, sal e areia (nosso sonho e desejo do mar). Eram nove bandejas, grandes, com formas de mulheres em madeira recortada, em alto rele-



Corpo a Corpo in Cor-pus Meus, performance de 1970, no Museu de Arte da Pampulha

vo, tendo, entre seus corpos, os alimentos *in natura* já citados, frases em latim sugerindo brincadeira e pintinhos de um dia ciscando fubá. Durante o vernissage, o garçom oferecia ao público, usando a própria bandeja, amendoim ou, quem sabe, a mulher como objeto do desejo. Esse trabalho participou do III Salão Nacional de Arte do Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte (1971), e recebeu o prêmio de aquisição.

M Isso deveria causar um reboiço na cidade porque você estava questionando o comportamento e a obra de arte tradicional, e estava

introduzindo o artista, o animal e o público como participantes da obra.

T Era novidade e, por ser diferente, causava interesse, espanto, curiosidade, participação, notícia na mídia, em primeira página de vários jornais do Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Usei alimentos perecíveis, bebida, comida, animais e o próprio corpo. De fato, usei e abusei.

M Voltando ao tema do animal, como ele aparece em outras obras?

T Nunca na vida fiz análise. Agora, num distanciamento temporal, eu também me pergunto o por-



Altar do Sacrifício, obra de 1976

quê dos animais em meus trabalhos. Comecei com pintinhos em bandejas; papagaio em *Túmulos*, no 1º módulo; minha cachorrinha Tiu, no 3º módulo; cavalos no álbum de desenhos *Eurótica*; João de Barro empalhado no *Altar do Sacrifício*; e, por fim, um veado na coleira em *O Circo e a Montanha*. Deixo para os interessados pesquisarem.guardo o diagnóstico.

M O *Altar do Sacrifício* se relaciona com o corpo e a natureza?

T Sim, claro. É um trabalho sobre ecologia, o rio São Francisco, nosso Chicão. Aborda problemas: des-

truição das matas ciliares, poluição, carvoeiras, pesca predatória, seus ribeirinhos em sobrevivência e trabalho. Tudo está focado na frase escrita na frente do *Altar do Sacrifício*: VER-VERDE-VERDADE. O tronco de árvore sobre o carvão representa o corpo de Cristo, dos altares barrocos, que se sacrifica por nós.

M Seria uma denúncia contra a destruição da natureza?

T Sim. Um alarde. Uma tomada de consciência, de ação. No *Altar do Sacrifício*, do seu lado esquerdo, numa Bíblia com a faixa “Criação e destruição do

mundo segundo as cores”, lê-se, no último seguimento negro, os dizeres de Fausto: “Pois todas as coisas oriundas do vazio merecem ser destruídas.”

M Teresinha, você antecipa, em seus trabalhos nos anos 1960/70, uma série de questões

que estão sendo discutidas hoje, relacionadas com o corpo e o meio ambiente.

T Sim. Além do trabalho *Altar do Sacrifício*, no *O Circo e a Montanha*, de 1973, apresentado no V Salão Nacional de Arte no MAP, em Belo Horizonte, defendo um melhor planejamento para a nossa urbe. Veja as nossas montanhas. Elas são

ACERVO DO ARTISTA



Encontro com crianças após apresentação da peça *Luno e Lunika no País do Futuro*, no Teatro Marília, em 1968



Um-Dois Feijão com Arroz, Três-Quatro Farinha no Prato, Cinco-Seis Sal, Sol Areia, obra de 1971

o corpo da nossa cidade. Hoje, desaparecem de nossas vistas. Aponto a ocupação desenfreada dos morros em consequência da falta de moradia, das favelas, problemas expostos a olhos nus em nosso dia a dia.

- M** Você participou da Semana de Vanguarda, que aconteceu aqui em Belo Horizonte por ocasião da inauguração do Palácio das Artes, em 1970. Esse evento, que se desdobrou na exposição *Objeto e Participação* e na manifestação *Do Corpo à Terra*, ambos coordenados por Frederico Moraes, é considerado um marco da atuação da neovanguarda na cidade. Qual foi o trabalho que você apresentou nesse evento?
- T** Nesse evento apresentei *Camas*. Eu não focava, nos meus trabalhos, apenas sexo, mas usando três camas como meio de expressão para contar a história do nosso futebol, naturalmente, ele aí se fez também presente no título: “Ela me deu a bola”.

ACERVO DO ARTISTA



Detalhe de “O Circo e a Montanha”, fotografia de 1973 para o V Salão Nacional de Arte da Prefeitura de BH

Cada cama tinha o corpo de uma mulher recortada em madeira, sobre colchões com listras coloridas nas cores dos três times escolhidos. Quando as tampas se abriam, apareciam os colchões e, no avesso das tampas, rostos de jogadores, técnico e frases escritas. A primeira cama apresentava a nossa seleção canarinho, verde, amarelo e azul. Rostos de Pelé, Tostão, e ainda cinco estrelas no azul. A segunda mostrava o Flamengo representado por Yustrich, como se fosse o próprio diabo, enorme, em vermelho e preto, e a frase: “Yustrich, meu bem”. A terceira cama representava o Atlético, preto e branco, e a frase: “Ela me deu a bola.” Escolhi esse trabalho para a exposição *Objeto e Participação* por vários motivos. Além de objeto, ele, na verdade, foi o primeiro em que eu coloquei a obra de arte no chão. Nada melhor para representar o *corpo* que a *cama*. Ela é o seu berço, nela você encontra prazer, descanso e sonhos. É onde nasce a *vida* e encaramos a *morte*.

- M** Esse trabalho foi aberto à participação do público?
- T** Sim, de quem quisesse. Todas as minhas obras sempre foram assim. Eu procurava atrair a atenção para a crítica, ainda que velada, através da brincadeira, do lúdico, permitindo o sensorial: pegar, puxar, rodar, tocar as cordas dos objetos, enfim, sentir. Em alguns trabalhos ofereci chope, linguça, queijo, como também poesias.
- M** Nessa manifestação, está implícita a ideia do corpo e da terra, que também se encontra presente no seu trabalho artístico. Como você pensa essa relação entre o corpo e a terra, o corpo da terra?
- T** Existe uma relação muito íntima entre a *mãe terra* e nós mulheres. Ela, a terra, nos dá a vida, o sustento, é o nosso lar, nos abraça, nos acolhe, para

depois, quando a ela retornarmos um dia, sermos parte da própria terra. E, nesse ciclo, mulher e terra, terra-mãe, nós aprendemos a respeitá-la, amá-la e protegê-la. Foi esta a minha intenção nos trabalhos de ecologia. Também em *Túmulos*, meu epitáfio é bem significativo: “Plantaram-me alfices e eu as comi todas”. “*Revertere ad locum tuum.*”

- M** Gostaria de saber, ainda, como você pensa a questão do corpo da mulher relacionada com a sexualidade, a procriação, e também a posição da mulher na sociedade e na política?
- T** No meu álbum *Eurótica*, que traz uma bonita apresentação do crítico Frederico Moraes, publicado em 1971, digo com todas as letras: “descubro o sexo em mim, sou bela, vivo e amo o amor.” Nunca tive vergonha do meu corpo, nem hoje, com o passar dos anos. Vejo minhas rugas, as veias salientes, meus brancos cabelos com certa ternura. Houve tempos atrás que nossa cultura não permitia à jovem se olhar no espelho, se tocar, descobrir seu sexo. Eram consideradas atitudes impudicas, senão pecado. Eu me descobri por mim mesma, aprendi a sentir meu corpo, a redesenhar minhas zonas erógenas, a buscar o prazer sem culpa nem castigo. Quando tive meu primeiro filho, em verdade minha filha, Valeska, eu me neguei a usar qualquer processo que diminuísse as dores e facilitasse para a mãe o seu primeiro parto. Quis sentir a dor do parto, testar meu corpo, a sua natureza, minhas reações. Foi uma experiência única, prazerosa: ser mãe. Sou a favor da vida. Sobre minha postura com relação à vida em casa, no trabalho e na sociedade, tive sempre uma posição de vanguarda, corajosa e ativa. Nas artes plásticas, fiz o que quis, sem medo de ousar. Também na li-

teratura, em minhas poesias e nas crônicas publicadas em vários jornais, exerci minha liberdade de pensamento. Sempre batalhei em defesa dos nossos direitos. Sinto-me honrada por ter meu nome incluído no livro *Mulheres de Minas: lutas e conquistas*, lançado no 25º ano do Conselho da Mulher, fundado por Tancredo Neves.



Camas (Ela me deu a Bola), obra de 1970 apresentada no Palácio das Artes